

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA

ANGGELICA PINTO DE MACEDO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador pertence ao gênero textual que está sendo trabalhado ao longo de todo o 3º e 4º bimestres, o romance. Trata-se do primeiro capítulo do livro “*Senhora*”, de José de Alencar. Nesta parte da história, é possível obter as primeiras informações sobre Aurélia, e como ela vê a sociedade que a rodeia.

O PREÇO

I

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidéz informações acerca da grande novidade do dia.

Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-la os noveleiros.

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.

Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse.

Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações ou de seu capricho; e por isso todas as adorações se iam prostrar aos próprios pés do ídolo.

Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam.

Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma.

Se o lindo semblante não se impregnasse constantemente, ainda nos momentos de cisma e distração, dessa tinta de sarcasmo, ninguém veria nela a verdadeira fisionomia de Aurélia, e sim a máscara de alguma profunda decepção.

Como acreditar que a natureza houvesse traçado as linhas tão puras e límpidas daquele perfil para quebrar-lhes a harmonia com o riso de uma pungente ironia?

Os olhos grandes e rasgados, Deus não os aveludaria com a mais inefável ternura, se os destinasse para vibrar chispas de escárnio.

Para que a perfeição estatuária do talhe de sílfide, se em vez de arfar ao suave influxo do amor, ele devia ser agitado pelos assomos do desprezo?

Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura, e do culto que lhe rendiam; ao contrário parecia unicamente possuída de indignação por essa turba vil e abjeta.

Não era um triunfo que ela julgasse digno de si, a torpe humilhação dessa gente ante sua riqueza.

Era um desafio, que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como a um réptil venenoso.

E o mundo é assim feito; que foi o fulgor satânico da beleza dessa mulher, a sua maior sedução. Na acerba veemência da alma revolta, pressentiam-se abismos de paixão; e entrevia-se que procelas de volúpia havia de ter o amor da virgem bacante.

Se o sinistro vislumbre se apagasse de súbito, deixando a formosa estátua na penumbra suave da candura e inocência, o anjo casto e puro que havia naquela, como há em todas as moças, talvez passasse despercebido pelo turbilhão.

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa, a vassalagem que lhe rendiam.

Por isso mesmo considerava ela o ouro, um vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus mil contos de réis.

Nunca da pena de algum Chatterton desconhecido saíram mais cruciantes apóstrofes contra o dinheiro, do que vibrava muitas vezes o lábio perfumado dessa feiticeira menina, no seio de sua opulência.

Um traço basta para desenhá-la sob esta face.

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão.

Assim costumava ela indicar o merecimento de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

Uma noite, no Cassino, a Lísia Soares, que fazia-se íntima com ela, e desejava ardentemente vê-la casada, dirigiu-lhe um gracejo acerca do Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara recentemente da Europa:

- É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

Riam-se todos destes ditos de Aurélia, e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar desses modos desenvoltos, impróprios de meninas bem-educadas.

Os adoradores de Aurélia sabiam, pois ela não fazia mistério, do preço de sua cotação no rol da moça; e longe de se agastarem com a franqueza, divertiam-se com o jogo que muitas vezes resultava do ágio de suas ações naquela empresa nupcial.

Dava-se isto quando qualquer dos apaixonados tinha a felicidade de fazer alguma cousa a contento da moça e satisfazer-lhe as fantasias; porque nesse caso ela elevava-lhe a cotação, assim como abaixava a daquele que a contrariava ou incorria em seu desagrado.

Muito devia a cobiça embrutecer esses homens, ou cegá-los a paixão, para não verem o frio escárnio com que Aurélia os ludibriava nestes brincos ridículos, que eles tomavam por garridices de menina, e não eram senão ímpetos de uma irritação íntima e talvez mórbida.

A verdade é que todos porfiavam, às vezes colhidos por desânimo passageiro, mas logo restaurados por uma esperança obstinada, nenhum se resolvia a abandonar o campo; e muito menos o Alfredo Moreira que parecia figurar a cabeça do rol.

Não acompanharei Aurélia em sua efêmera passagem pelos salões da Corte, onde viu, jungido a seu carro de triunfo, tudo que a nossa sociedade tinha de mais elevado e brilhante.

Proponho-me unicamente a referir o drama íntimo e estranho que decidiu do destino dessa mulher singular.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

A construção das imagens de um texto narrativo é feita através da descrição que o narrador faz dos lugares e dos personagens, sendo que nesses, observa-se tanto características físicas quanto psicológicas. E, para isso, um autor pode descrever personagens, objetos, lugares etc. de forma objetiva ou de forma subjetiva.

Considerando que o Texto Gerador apresenta a personagem principal do romance “*Senhora*”, complete o quadro abaixo com as características físicas e psicológicas de Aurélia Camargo, separando-as de acordo com o tipo de descrição utilizado pelo autor.

PERSONAGEM	DESCRIÇÃO OBJETIVA	DESCRIÇÃO SUBJETIVA
Aurélia Camargo		

Habilidade trabalhada

Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.

Resposta comentada

PERSONAGEM	DESCRIÇÃO OBJETIVA	DESCRIÇÃO SUBJETIVA
Aurélia Camargo	- Órfã	- Rainha dos salões
	- Rica	- Lindo semblante
	- Tem 18 anos	- Mulher singular
	- Formosa	- Olhos aveludados com inefável ternura

QUESTÃO 2

Quando lemos uma história, nem sempre conhecemos os significados de todas as palavras utilizadas pelo autor. No entanto, isso não nos impede de entender o texto, já que o próprio contexto em que a palavra desconhecida está inserida pode nos dar pistas de seu sentido.

Assim, observe a palavra destacada na passagem em seguida, tente compreender o seu significado a partir do contexto e responda:

“Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam.”

- a) O que você acha que a palavra “turba” quer dizer?
- b) Como você chegou a essa conclusão?

Habilidade trabalhada

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta comentada

Inicialmente, é válido reforçar para o aluno a ideia de que a compreensão de uma palavra vai além do mero reconhecimento de seu significado denotativo: seu sentido é ampliado pelo contexto (linguístico e extralinguístico) em que está inserida. Desse modo, o não conhecimento do significado de uma palavra pode não ser empecilho para sua compreensão.

Mesmo desconhecendo o significado de “*turba*”, o aluno conseguirá inferir, pelo enunciado em que a palavra aparece (contexto linguístico), que ela significa “*multidão*”, “*grande número*”, respondendo, assim, ao questionamento da letra **a**.

Em relação à letra **b**, que pergunta como o aluno alcançou a resposta do item a, ele provavelmente identificará a informação de que a personagem estava cercada por vários pretendentes como o dado que o levou a tal conclusão.

QUESTÃO 3

Em uma narrativa, vários personagens interagem no desenrolar das ações que compõem o enredo. Dentre eles, o **protagonista** é o personagem principal, pois sustenta o enredo, e o **antagonista** é o personagem que dificulta as ações do protagonista, inserindo obstáculos na história que impedem a concretização dos seus objetivos.

Sabendo disso, como pode ser caracterizado o papel da personagem Aurélia Camargo?
Comente.

Habilidade trabalhada

Identificar e diferenciar personagens protagonistas e antagonistas.

Resposta comentada

Analisando o papel exercido pela personagem, a princípio, poder-se-ia confundi-la com o antagonista, devido a certa crueldade que demonstra, contudo, levando em consideração o fato de que é em torno dela que o enredo se constrói, é possível concluir que ela é a protagonista do romance.

TEXTO GERADOR II

O Texto Gerador trata-se do sétimo capítulo do livro “*Senhora*”, de José de Alencar. Nesta parte da história, é que seu plano de redenção começa a ser posto em prática quando seu tutor faz a proposta à Seixas.

VII

Brincava Fernando com as irmãs, quando bateram palmas à escada.

As meninas fugiram pela alcova; o Seixas, sem mudar de posição, disse em alta voz:

- Suba!

Este modo de receber tão sem-cerimônia, talvez cause reparo em um moço de educação apurada, mas Seixas não era procurado em casa senão por algum caixeiro, ou por gente de condição inferior.

Borbotou, é o termo próprio, borbotou pela sala a dentro a nédia e roliça figura do Sr. Lemos que de relance fez às carreirinhas um ziguezague e atochou à queima-roupa no Seixas estático três apertos de mão um sobre o outro, coroados das respectivas cortesias.

- É ao Sr. Fernando Rodrigues de Seixas que tenho a honra de falar?

O nosso escritor ergueu-se de pronto. Compondo as abas do chambre com um gesto rápido, tomou o ar de suprema distinção, que ninguém revestia com tanta nobreza e tacto.

- Tenha a bondade de sentar-se; disse oferecendo ao Lemos o sofá; e desculpar-me este desarranjo de quem acaba de chegar.

- Sei. Desembarcou ontem?

Seixas confirmou com a cabeça:

- A quem tenho a honra de receber?

Lemos tirou do bolso uma carta que apresentou ao moço, fitando nele o olhar perspicaz.

- A pessoa que me fez a honra de apresentá-lo, Sr. -Ramos, merece-me tudo. É para mim uma fortuna esta ocasião de provar-lhe minha estima, pondo-me inteiramente às ordens de V. S.^a.

Quando Seixas pronunciou o nome Ramos, o velhinho desfez-se em mesuras corrigindo Lemos, mas com uma presteza e no meio de tais afinados de garganta, que não o percebeu o seu interlocutor.

Eis a explicação do equívoco. Ao chegar à sua casa na Rua de São José, Lemos tinha traçado um plano, como indicava este monólogo:

- O que não tem remédio, remediado está. Desengane-se, meu Lemos: com a tal menina é escusado trapacear que ela corta-lhe as vasas. Portanto o que de melhor pode fazer um espertalhão da sua marca, é tirar partido da situação.

Saltando do tilburi, o velhinho subiu ao sobrado, donde voltou logo munido de um par de óculos verdes, que usara outrora por causa dum ameaço de oftalmia. Fez ao cocheiro sinal de acompanha-lo, e dobrou pela Rua da Quitanda. Pouco adiante entrou em uma loja:

- Ó comendador, dá-me aí uma carta de apresentação para o Seixas.

O negociante a quem estas palavras eram dirigidas puxou pela memória.

- Seixas... Não conheço!

- Hás de conhecer por força. Vamos, escreve lá. Em favor do Sr. Antônio Joaquim Ramos.

Era esta a carta que o tutor de Aurélia acabava de apresentar ao Seixas. Viera ele confiado nos dois disfarces, o dos óculos, e o do nome do recomendado.

Se apesar disto o moço o reconhecesse, ele acharia meio de sair perfeitamente da dificuldade.

- Desculpe-me, V. S.^a, se o procuro logo no dia seguinte ao de sua chegada, quando ainda deve estar fatigado da viagem; mas o assunto que me traz é de sua natureza, urgentíssimo.

- Estou pronto a ouvi-lo com toda a atenção.

- É negócio importante que exige a maior reserva e discrição.

- Pode contar com ela.

O Lemos bamboleou-se na cadeira com sua frenética alacridade e prosseguiu:

- Trata-se de uma moça, sofrivelmente rica, bonitota, a quem a família deseja casar quanto antes.

Desconfiando desses peralvilhos que por aí andam a farejar dotes, e receando que a menina possa de repente enfeitiçar-se por algum dos tais bonifrates, assentou de procurar um moço sisudo, de boa posição, embora seja pobre; porque são justamente os pobres que sabem melhor o valor do dinheiro, e compreendem a necessidade de poupá-lo, em vez de atirá-lo pela janela fora como fazem os filhos dos ricos.

Lemos fitou os olhinhos de azougue no semblante de Seixas.

- Fui encarregado por essa família que me honra com sua amizade de procurar a pessoa que se deseja, e minha presença aqui, neste momento, significa que tive a fortuna de encontrá-la.

- Sua escolha devia lisonjear-me o amor-próprio, se o tivesse, Sr. Ramos; porém há de compreender que não posso -aceder..

- *Perdão; em negócio tenho o meu sistema. Faça a proposta com lisura, sem omitir os encargos e as vantagens, porque não costumo regatear. O outro pensa, e aceita se lhe convém.*

- *Já vejo que é um verdadeiro negócio que me propõe!* - observou Fernando com ironia cortês.

- *Sem dúvida!* - atestou o velho. *Mas ainda não disse tudo. A pequena é rica bastante e dota o marido com cem contos de réis em moeda sonante.*

Como Seixas se calasse:

- *Agora V.S. a me dirá se posso levar uma boa decisão?*

- *Nenhuma!*

- *Sua proposição, Sr. Ramos, permita-me esta franqueza, não é séria, disse o moço com a maior urbanidade.*

- *Por que razão?*

- *Antes de tudo cumpre-me declarar-lhe que estou de algum modo comprometido, e embora não haja um ajuste formal, todavia não poderia dispor livremente de mim.*

- *Os compromissos rompem-se dum momento para outro.*

- *É exato; às vezes ocorrem circunstâncias que desatam as mais solenes obrigações. Mas entre as razões que movem a consciência, não se conta o interesse; ele daria ao arrependimento a feição de uma transação.*

- *E o que é a vida, no fim de contas, senão uma contínua transação do homem com o mundo?* - exclamou Lemos.

- *Não vejo ainda a vida por esse prisma. Compreendo que um homem sacrifique-se por qualquer motivo nobre, para fazer a felicidade de uma mulher; ou de entes que lhe são caros; mas se o fizer por um preço em moeda, não é sacrifício, mas tráfico.*

O Lemos insistiu com todos os recursos da dialética materialista que ele manejava habilmente. Não conseguiu, porém, desvanecer os escrúpulos do moço que o ouvia com afabilidade, mantendo-se inflexível na negativa.

- Bem; resumiu o velho. Não são negócios que se resolvem assim de palpite. O Sr. Seixas pensará, e se como eu espero decidir-se, me fará o favor de prevenir. Vou deixar-lhe minha morada...

- Agradeço, mas para esse objeto é inútil, observou Seixas.

- Ninguém sabe o que pode acontecer!

O velho escreveu a lápis a rua e o número de sua casa numa folha da carteira que deixou sobre o consolo.

Meia hora depois, Seixas descia a Rua do Ouvidor em busca do hotel de Europa, onde ia almoçar à fidalga, pela volta do meio-dia.

De caminho encontrava os camaradas e conhecidos que o festejavam, pedindo-lhe novas da viagem e dando-lhe as mais frescas da Corte. Entre estas figurava a aparição de Aurélia Camargo, que datava de meses, mas era ainda o grande sucesso do mundo fluminense.

Havia nessa noite teatro lírico. Cantava Lagrange no Rigoletto. Seixas, depois de um exílio de oito meses, não podia faltar ao espetáculo.

Às oito horas em ponto, com o fino binóculo de marfim na mão esquerda calçada por macia luva de pelica cinzenta, e o elegante sobretudo no braço, subia as escadas do lado do mar. No patamar encontrou Alfredo Moreira com quem de véspera apenas falara de relance no Cassino.

- Ontem não sei onde te meteste, Seixas, cansei de procurar-te!

- Pois andava bem perto de ti. É que estavas ontem muito encandeado; respondeu Fernando a sorrir.

- *É verdade! Que mulher, Seixas! Não imaginas. Olhas de longe e vês um anjo de beleza, que te fascina e arrasta a seus pés, ébrio de amor. Quando lhe tocas, não achas senão uma moeda, sob aquele esplendor. Ela não fala; tine como o ouro. Era para apresentar-te que eu te procurei. Ei-la que chega!*

Esta última exclamação, Alfredo soltou-a avistando um carro que nesse momento parara à porta. Efetivamente dele saltou Aurélia, que se dirigiu acompanhada de D. Firmina a seu camarote na segunda ordem. Envolvia-a desde a cabeça até aos pés um finíssimo e amplo manto de alva caxemira, que apenas descobria-lhe o fino rosto à sombra do capuz, e uma orla do vestido azul. Era preciso ter a suprema elegância de Aurélia para dentre esse envolto singelo e fofo, desatar o garbo de um talhe encantador.

Ela parou justo em frente dos dois moços, voltando-lhes as costas, à espera de D. Firmina, que se demorara em descer do carro.

- *Não é uma beleza? - perguntou Moreira ao camarada, em tom de ser ouvido.*

- *Deslumbrante! Respondeu Seixas; mas para mim é uma beleza de espectro!*

- *Não entendo!*

- *É a imagem de uma mulher a quem amei, e que morreu. Esta semelhança me repele!*

Aurélia ficou impassível. Moreira que se adiantara para cortejá-la pensou que o amigo tinha razão. Efetivamente havia alguma cousa de fantástico, naquela fronte lívida e cintilante. D. Firmina se aproximara. A moça retribuindo com um afável cortejo ao cumprimento do Alfredo, passou como se não se apercebesse de Fernando, e subiu à segunda ordem.

QUESTÃO 4

Observe os trechos:

“- O que não tem remédio, remediado **está**.”

“Era **esta** a carta que o tutor de Aurélia acabava de apresentar ao Seixas.”

É possível perceber que a grafia das palavras em destaque diferencia-se unicamente pelo uso do acento gráfico em um dos casos, contudo, elas possuem usos bem distintos.

Diferencie-as.

Habilidade trabalhada

Identificar e corrigir dificuldades ortográficas recorrentes.

Resposta Comentada

esta = paroxítona = pronome demonstrativo

está = oxítona = verbo

A utilização do acento gráfico que as diferencia se dá devido ao desvio da tonicidade natural da palavra, ocorrido no verbo.

ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 5

O romance lido foi ambientado na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, e mostra com grande intensidade a falsidade e interesse da sociedade da época, como ainda vemos hoje em algumas ramificações sociais. Sabendo disso, vocês devem produzir coletivamente um texto narrativo sobre os jogos de interesses que regem o mundo moderno. Lembre-se o romance tem seu enredo estruturado em: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Habilidade trabalhada

Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

Resposta comentada

Espera-se que os alunos, divididos em grupos, gradativamente construam a história estabelecendo nexos lógicos entre as ações desencadeadas, instituindo o narrador, tempo, espaço, conflito e personagens.

REFERÊNCIAS

Currículo mínimo

Orientações pedagógicas

Roteiros de atividades

ALENCAR, José de. Senhora. Disponível em: http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Senhora_de_jose_de_alencar.pdf. Acesso em: 9 set.2012, 12:24:30